

## **A ELITE NACIONAL E A POLÍTICA NO FUTEBOL: A VITÓRIA DO “PELÉ LOURO”**

Leonardo Turchi Pacheco<sup>1</sup>

**Resumo:** Resenha de BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974). São Paulo: USP-Capes; Intermeios, 2020. 430 p.

**Palavras-chave:** Fifa; História do Futebol; Esporte.

### **The National Elite and the Politics in Football: the “Blond Pelé”’s Victory**

**Abstract:** Review of BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974). São Paulo: USP-Capes; Intermeios, 2020. 430 p.

**Palavras-chave:** Fifa; Football History; Sport.

O futebol como tema para pensar questões relevantes na sociedade brasileira possui alicerces que datam da década de 20 do século XX (SANTOS; DRUMMOND, 2013). Como objeto de estudo e reflexão sistematizada pelas Ciências Humanas no Brasil, o futebol vem sendo abordado entre os anos 1970 e 1990. De 1994 em diante há um crescimento exponencial de estudos sobre o tema e seus desdobramentos, seja em forma de dissertações, teses, livros e artigos (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010).

Muitos destes trabalhos são inovadores e notáveis pelo modo como articulam este objeto de estudo com novas temáticas, utilizando de cabedal teórico sobre violência (TOLEDO, 1996), parentesco (SPAGGIARI, 2016), masculinidade e envelhecimento (PACHECO, 2010), publicidade e identidade nacional (GASTALDO; GUEDES, 2006) dom e dádiva (DAMO, 2007), circulação transnacional de atletas (RIAL, 2021), feminilidades e sexualidades (KESSLER, 2016; CAMARGO, 2021; PISANI, 2021), entres outros.

Dentre eles é possível destacar “A dança das cadeiras” de Luiz Guilherme Burlamaqui. Luis Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha é um jovem pesquisador que escolheu a história política e as

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto III do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Doutor em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Sociologia da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: [leonardoturchi@gmail.com](mailto:leonardoturchi@gmail.com).

relações internacionais como objeto de reflexão. Desde o mestrado em História Social pela Universidade Federal Fluminense, até a presente ocupação como professor do Instituto Federal de Brasília (IFB), se detém sobre os estudos dos dirigentes e a elite do futebol, suas relações diplomáticas em esfera nacional e internacional. Política.

A premiada tese que deu origem ao presente livro é fruto de seu doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo defendido em 2019. Tanto tese quanto livro desenvolvem uma reflexão sobre o entrelaçamento entre futebol, política nacional e suas relações internacionais através do resgate dos meandros que culminaram na eleição de João Havelange – “o Pelé louro” – como presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA).

A relação entre as esferas do futebol e da política já foi abordada em outros estudos para enfatizar como o silenciamento das interpenetrações entre estas duas áreas favorecem ambos (RIBEIRO, 2020). Isso porque possibilita a construção de narrativas de autonomia e neutralidade nas decisões que envolvem política e futebol. Mas as narrativas de que futebol e política não se misturam, são sempre confrontadas com a realidade, seja na esfera amadora, como a várzea (SPAGGIARI, 2016), seja na profissional e espetacularizada como a Copa do Mundo, os campeonatos internacionais e os nacionais (GIGLIO, 2018; DAMO, 2006).

“A dança das cadeiras” acrescenta mais um dado a essa combinação: as relações transnacionais que impulsionam as disputas de poder da instituição reguladora do futebol espetáculo no mundo. Nesse sentido, explora a expansão da FIFA e seu monopólio sobre o futebol, tornando visível uma configuração política estrutural em vias de apagamento pelas narrativas do grupo que se tornou estabelecido após as eleições de 1974. Assim como revela os diversos agentes políticos – locais e globais – que contribuíram para a derrota de Sir Stanley Rous e para a ascensão de João Havelange à presidência desta instituição.

Um livro inovador ao tratar das elites no futebol mundial, atores sociais pouco explorados nos estudos sobre este esporte. Inovador também, pois demonstra, através da estratégia de Havelange em conseguir suporte logístico e financeiro para se eleger a presidência da FIFA, a importância da elite econômica e da rede de diplomatas no Brasil e no exterior. Até então era notório que o estamento militar brasileiro havia contribuído e se beneficiado com o sucesso da seleção brasileira. No entanto, não era conhecido o papel dos empresários e diplomatas no projeto da conquista da Copa de 1970 e da subsequente eleição de Havelange em 1974.

O autor mobiliza uma vasta literatura que percorre teorias dos campos científicos (BOURDIEU, 2003) da História, Antropologia, Sociologia e Economia. É digno de nota a articulação da noção de desenvolvimentismo, assim como da linguagem desenvolvimentista, em

consonância com o projeto político pessoal de Havelange no futebol e da elite econômica que o sustenta nacionalmente. Tudo se passa como se o projeto de poder nacional e individual se retroalimentassem pela narrativa da modernidade do desenvolvimento proporcionado pelo “milagre econômico”.

O trabalho não é somente relevante pela propriedade com que as teorias dialogam com os dados coletados, mas também pela quantidade e qualidade das fontes utilizadas. Em onze arquivos (incluindo o da FIFA) foram coletados dados de fontes diplomáticas, correspondências, estatutos, material de congresso, atas e minutas, material institucional de Federações de futebol. Acrescenta-se a isso fotos, fontes jornalísticas, entrevistas realizadas pelo autor e por terceiros com os indivíduos que compõem o escopo da pesquisa de que trata o livro: a voz de Havelange se faz presente em entrevistas realizadas por Ronaldo Gomlesky, Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Daniela Alfonsi; assim com a voz de Bellini Cunha, assessor jurídico do então embaixador Walther Moreira Salles, figura proeminente na campanha de Havelange à presidência da FIFA, em entrevista concedida a Luiz Guilherme Burlamaqui.

Pois bem, a obra é dividida em três partes composta por seis capítulos, além da introdução e de um epílogo fazendo as vezes de conclusão.

A primeira parte, no seu primeiro capítulo discute como se deu o crescimento e a expansão da FIFA. É apresentado o modelo administrativo e as normas estatutárias dessa instituição para ressaltar a maneira como ela se apoderou e monopolizou o futebol espetáculo no Mundo.

A unicidade de representação nacional, a igualdade jurídica entre as federações (o que faz com que uma única federação represente um país e que cada país tenha direito a um único voto nas decisões institucionais, independente da tradição futebolística), as relações entre federações condicionadas a filiação na FIFA e o mandatário amadorismo da elite dirigente são regras que contribuíram para que a entidade estabelecesse redes de relações para administrar e monopolizar o esporte.

Apresentado o modelo administrativo da FIFA, o autor, no capítulo seguinte, revela as narrativas sobre a FIFA que foram apagadas pelo grupo vencedor do pleito de 1974. Ao contrário do que foi propagado por Havelange nas mídias, a entidade não estava falida na década de 60 e a globalização do esporte estava em processo de se consolidar. O projeto de poder de Stanley Rous (então presidente da instituição) é abordado e nele verifica-se a neutralidade política na mediação dos conflitos entre federações e um crescente diálogo para incorporar as nações do terceiro mundo nos quadros da FIFA, num processo de descolonização, mesmo que ainda pela tutela dos europeus.

Projeto fracassado em decorrência dos incidentes ocorridos com as equipes fora do eixo europeu na Copa do Mundo de 1966.

Estes incidentes foram devidamente arregimentados por Havelange para sua candidatura e futura eleição, pois ajudaram a construir uma aliança entre os blocos latino-americano, africano e asiático baseada na percepção e sentimento da pilhagem europeia desses continentes no campo de futebol e fora dele.

A segunda parte é dedicada a ascensão política de João Havelange. No terceiro e quarto capítulo é retratada a trajetória e o estilo de vida do dirigente. O autor evidencia que o estilo de vida e a visão de mundo do dirigente e da elite econômica e social brasileira são reflexivas. A concepção do “novo homem brasileiro” ligada a noção de progresso e de modernidade que tem no seu bojo estilístico o *ethos* disciplinado, a racionalidade e a técnica como premissa decisória, a força de caráter e autocontrole de uma masculinidade branca, burguesa e empresarial, calcada na família tradicional e seus valores mais conservadores – o “Pelé louro” como bem descreve o autor através de um dos seus achados nas fontes – acrescida as formas corporais civilizadas aos modos *sportman* faz de Havelange a face bem sucedida da elite brasileira e de seu projeto político e ideológico. Este projeto tem como ideologia política o desenvolvimentismo à brasileira que propõe o amalgama, desde que cada um saiba o seu lugar e se mantenha nele, o povo, os militares e os empresários. Pois bem, é através desses atores e seus atributos que Havelange articula sua candidatura à presidência da FIFA.

O processo de candidatura do dirigente, as estratégias e as articulações para conquistar votos e por fim as eleições encadeiam as narrativas dos capítulos cinco e seis que integram a terceira parte do livro. Nesse momento revela-se um aparato de relações externas e de diálogos globais que contribuíram para consolidar a candidatura de Havelange. Empresários de vários segmentos, embaixadores, agenciadores de partidas de clubes de menor expressão nos rincões da Europa e na África. Todos esses atores compõem o quadro que permitiu a ampliação de alianças para conquistar os votos necessários para a vitória no congresso da FIFA. Nunca é demais apontar para a importância da eleição de Havelange – mesmo com as acusações de corrupção que em longo prazo se constituiria numa prática engendrada, resultando em crise institucional e num escândalo de proporções globais – devido às transformações que produziu. Ela simbolizou a ruptura da hegemonia europeia sobre os desígnios do futebol espetáculo e a ascensão de uma nova ordem mundial de domínio burocrático do esporte.

Em síntese, “A dança das cadeiras” é um livro notável, mas não está livre de críticas. A intersecção gênero, raça e poder para pensar as relações entre os as áreas do futebol e da política mereciam um exame mais detalhado. É curioso como o debate sobre colonialismo, racismo e

masculinidade atravessa toda a obra, mas carece de aprofundamento reflexivo. Essas questões estão tanto no texto quanto nas referências: há um Archetti tratando de masculinidade ali, um Franz Fanon tratando de colonialidade acolá, um Gilberto Freyre para pensar a democracia racial como estratégia argumentativa de Havelange para e aproximar e conquistar os votos africanos. Mas fica a sensação de que se outros autores fossem mobilizados o texto ganharia um adensamento teórico que o tornaria ainda melhor do que é.

João Havelange é cria da elite branca latino-americana. Um homem branco privilegiado e desfruta da ocupação de um lugar de distinção. Essa experiência racial, essa branquidade<sup>2</sup> (VIGOYA, 2018; PIZA, 2005) masculina dos trópicos poderia ser mais bem explorada e relacionada com a de seu principal rival – o britânico Stanley Rous. Pois, seria relevante compreender as nuances das relações de poder estabelecidas entre o homem percebido como branco e a alteridade em contextos diversos de interação. Mesmo que Havelange tenha origens europeias, não creio que ele seja percebido como um equivalente por Stanley Rous, assim como não me parece que Havelange percebesse os dirigentes africanos e asiáticos como equivalentes. Essas matizes raciais que envolvem as vantagens estruturais, hierarquias e racismos da branquidade não estão presente na obra. E poderiam estar.

Na trajetória de Havelange estão presentes os relatos e imagens de uma virilidade associada ao culto de ousadia (HAROCHE, 2013). A ousadia aqui não somente compreendida como *élan* de assumir riscos, mas também como controle de afetos e dominação viril sobre os desafios colocados. É sobre a ordem de gênero nessa instituição esportiva – o futebol espetáculo – e sobre a construção de um estilo de masculinidade ocupante de cargos administrativo na FIFA, que a trajetória deste ator social ilumina. As mulheres estão ausentes nos arquivos da FIFA e nos relatos de Havelange. Quando aparecem estão na periferia: a influência da mãe e as fotos com a esposa em segundo plano. Essas questões que tratam de relações de gênero estão ausentes e poderiam ser investigadas no corpo do livro.

“Para Vargas Netto, o futuro presidente da FIFA simboliza o “Pelé louro”, alguém que, fora de campo, soube articular as diversas peças do tabuleiro de xadrez” (BURLAMAQUI, 2020, p.36). Esta é a primeira vez

---

<sup>2</sup> O debate sobre branquidade em oposição a branquitude é extenso e escapa ao escopo desta resenha. Mas é importante indicar que o conceito de branquidade se refere a um local de poder, de superioridade percebida como natural, de vantagem estrutural de privilégios adquiridos pelas pessoas brancas e apagamento da alteridade através de “um conjunto de práticas culturais que são frequentemente não demarcadas e não nomeadas” (PIZA, 2005, p.2). Como sugere Piza (2005) a branquitude pode ser pensada como uma identidade branca negativa, que reflete sobre seu lugar de privilégio, seu comportamento preconceituoso e de forma consciente almeja o antirracismo. Em contraposição a branquidade reitera sua posição hierárquica, silenciando a alteridade e impedindo a construção da identidade negra como positiva.

que o termo “Pelé louro” aparece na obra para contrapor a elite nacional ao povo brasileiro. Daí em diante o patriarcado branco que mostra sua face no futebol espetáculo.

E como denuncia Kilomba (2019), quando trata do racismo cotidiano, a colonização se dá pela apropriação do outro sem sua permissão. Nessa perspectiva, Havelange ao ser denominado de “Pelé louro” pelos seus pares não seria somente um sintoma do furto do protagonismo do jogador, mas também a negação da alteridade e o reestabelecimento de uma ordem colonial perdida: o resgate da supremacia do homem branco nos trópicos, mesmo que nos bastidores, fora dos holofotes. É sugestivo que isso ocorra no momento em que o atleta mais consagrado nos campos de futebol em todo o mundo sai de cena – Pelé se despede da seleção brasileira em 1972 e se aposenta do Santos em 1974.

A relação entre a questão racial, a política e o domínio da elite no futebol não é estranha a este esporte e possui um lastro longo, como evidencia o mapeamento histórico realizado por Santos e Drummond (2013). O enfoque de Luiz Guilherme Burlamaqui é marcado pela visibilidade e excesso nauseabundo do poder masculino dos empreendedores, cartolas, empresariado, embaixadores e militares nessa democracia racial sem povo.

No decorrer da prosa, de capítulo a capítulo, o povo não é considerado e nem se faz presente, nem mesmo pelo olhar da elite. Creio que esta seja a principal crítica contribuição deste livro e certamente o recado do autor ao se estudar a elite. Ainda que o autor não seja incisivo na argumentação, a leitura permite a seguinte constatação: o projeto de poder da elite branca burguesa brasileira exclui o povo. O aliena para alcançar objetivos que lhes convém. No caso, em evidência a candidatura de um cartola de futebol brasileiro – com grande auxílio logístico e financeiro do empresariado e Estado Militar – ao órgão máximo de direção do que viria a ser o esporte “mais popular” do planeta. E se há inclusão, essa só aparece em discursos de ocasião. Seja para argumentar sobre as benesses, nunca realizadas, do desenvolvimentismo, seja para indicar que o caminho para a modernidade passa pelo desenvolvimento alicerçado no trabalho e na resiliência do povo brasileiro submetida aos desígnios dos desejos dos dirigentes, quase sempre homens, todos brancos. Ou pela ideia requentada da democracia racial, como forma de suavizar as desigualdades raciais, refrear conflitos e manter os próprios privilégios, espaços de inserção e domínio destes “Pelés Louros”.

## **Referencias Bibliográficas**

CAMARGO, Wagner Xavier de. Sexualidade e esporte: contribuições para um diálogo. In: CAMARGO, Wagner Xavier de; PISANI, Mariane da Silva; ROJO, Luiz Fernando. (Org.). *Vinte anos de diálogos: os esportes*

*na antropologia brasileira*. Brasília: ABA Publicações; Curitiba: Brazil Publishing, 2021, p. 151-166.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 322p.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007. 359p.

GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. (Org.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006. 221p.

GIGLIO, Sérgio Settani. *A história política do futebol olímpico (1894-1988)*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2018. 428p.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre o futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p.292-359, jul./dez. 2010. Disponível em:<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19180/21243>

HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). *História da virilidade 3: virilidades em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.15-34.

KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre, RS: Editora UFRGS, 2016. 260 p.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.248 p.

PACHECO, Leonardo Turchi. *Tragédias, batalhas e fracassos: as derrotas brasileiras nas Copas do Mundo (1950-1982)*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010. 234p.

PISANI, Mariane da Silva. A negra no futebol brasileiro. In: CAMARGO, Wagner Xavier de; PISANI, Mariane da Silva; ROJO, Luiz Fernando. (Org.). *Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira*. Brasília: ABA Publicações; Curitiba: Brazil Publishing, 2021, p. 61-74.

PIZA, Edith. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. In: *Simposio internacional do adolescente, 1*. São Paulo, p. 1-5, 2005. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000082005000100022&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100022&lng=en&nrm=abn)>.

RIAL, Carmen Silvia. Fragmentos de pesquisa no futebol: a circulação transcional e as práticas religiosas de futebolistas brasileiro (as). In: CAMARGO, Wagner Xavier de; PISANI, Mariane da Silva; ROJO, Luiz Fernando. (Org.). *Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira*. Brasília: ABA Publicações; Curitiba: Brazil Publishing, 2021, p. 167-182.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e política. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (org.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 25-43.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMMOND, Mauricio. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000). *Revista Tempo*, vol.17, n.34 p.19-31, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/QNV8GYn3T6V79XCg7R9nr8m/?format=pdf>

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulista*. São Paulo: Intermeios, Fapesp, 2016. 452p.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/ Anpocs, 1996.177p.

VIGOYA, Mara Viveiros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2018. 224p.

Recebido em 27 de fevereiro de 2023

Aceito em 9 de maio de 2023